


Roca das horas: o trem e o rio como imagens do tempo na poesia de João Cabral de Melo Neto /

Round of hours: the train and the river as images of time in

João Cabral de Melo Neto's poetry

*Júlio César de Araújo Cadó **

Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e bolsista de Iniciação Científica (CNPq). Pesquisa a produção poética de João Cabral de Melo Neto.

 <https://orcid.org/0000-0002-3304-8022>

*Rosanne Bezerra de Araújo***

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com ênfase em Literatura Comparada.

 <https://orcid.org/0000-0003-4308-3881>

Recebido em: 24 mai. 2022. **Aprovado** em: 12 dez. 2022.

Como citar este artigo:

CADÓ, Júlio César de Araújo. ARAÚJO, Rosanne Bezerra de. Roca das horas: o trem e o rio como imagens do tempo na poesia de João Cabral de Melo Neto. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 74-90, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8047782>

RESUMO

Em 2020, celebramos o centenário de um dos maiores poetas brasileiros do século XX: João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Reconhecido por uma escrita racionalista e avessa ao lirismo confessional, Cabral desvelou em seus textos poéticos e ensaísticos as concepções basilares de seu processo de composição. Nessa relação pugilística com a linguagem, o poeta reconheceu como oponente o imponderável, que se materializa, por exemplo, nas ideias da morte e, como objeto deste trabalho, do tempo. Mediante uma pesquisa qualitativa amparada em leituras teóricas acerca do texto poético (BACHELARD, 2018; BORGES, 2000; BOSI, 1977; CHKLOVSKI, 1976), das concepções de tempo (AGOSTINHO, 2019; ELIAS, 1998; WHITROW, 1993) e da crítica especializada sobre o poeta pernambucano (ARAÚJO, 2016; CANDIDO, 2002; SECCHIN, 2020), tencionamos analisar a figuração do tempo na poesia do autor, considerando, para isso, a centralidade do texto como material de análise (CANDIDO, 2006), sem elidir, no entanto, a incorporação de contribuições multidisciplinares para a construção de sentidos. Baseando-nos na leitura efetiva da obra Cabral, para a constituição do *corpus* de análise, elegemos

*

 julioocado@gmail.com

**

 rosanne.araujo@terra.com.br

as imagens do rio e do trem, uma vez que, em nossa perspectiva, elas são paradigmáticas para refletir sobre os meandros cronológicos na produção cabralina. Embora as duas figuras se assemelhem pela geometria longilínea, elas distinguem-se pelo ritmo que as caracteriza, contrapondo o imediatismo da locomotiva à fluidez do corpo d'água. Nesse sentido, o poeta erige seu arcabouço textual através dos diferentes matizes que compõem os fios do tempo trançados em seus versos.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Imagem; Tempo; Rio; Trem.

ABSTRACT

In 2020, we celebrated the centenary of one of the greatest Brazilian poets of the twentieth-century: João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Acknowledged by a rationalist writing and averse to confessional lyricism, Cabral unveiled the fundamental concepts of his composition process in his poetic and essayistic texts. In this pugilistic relation with language, the poet admitted the imponderable as an opponent, which is materialized, as an example, in the ideas of death and, as the object of this study, of time. Through a qualitative research supported by theoretical underpinning about the poetic text (BACHELARD, 2018; BORGES, 2000; BOSI, 1977; CHKLOVSKI, 1976), conceptions of time (AGOSTINHO, 2019; ELIAS, 1998; WHITROW, 1993) and specialized criticism about the poet from Pernambuco (ARAÚJO, 2016; CANDIDO, 2002; SECCHIN, 2020), we aim to analyze the figuration of time in his poetry, considering, for this, the centrality of the text as material for analysis (CANDIDO, 2006), without evading, however, the incorporation of multidisciplinary contributions to the construction of meanings. Based on the effective reading of Cabral's work, for the constitution of the corpus of analysis, we chose the images of the river and the train, once that, in our perspective, they are paradigmatic to reflect on the chronological intricacies in Cabral's production. Albeit the two figures resemble in their long-line geometry, they can be distinguished by the rhythm that characterizes them, contrasting the immediacy of the locomotive with the fluidity of the river water. In this regard, the poet assembles his textual framework through the different hues that constitute the threads of time weaved in his verses.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Image; Time; River; Train.

1 Introdução

A natureza do tempo e seus desdobramentos constituem pedras incontornáveis ao percorrermos diferentes momentos do conhecimento elaborado pela humanidade. Ainda que o senso comum aponte uma visão centrípeta e universalista do tempo, essa dimensão adquiriu matizes distintos a depender do contexto sociocultural analisado, haja visto que

[...] assim como nossa intuição de espaço não é única, pois sabemos que não há uma geometria única que devamos necessariamente aplicar ao espaço, não há também uma intuição única do tempo, comum a toda a humanidade. [...] Em suma, o tempo, em todos os seus aspectos, foi considerado de muitas maneiras conceitualmente distintas (WHITROW, 1993, p. 23).

Uma vez que as vidas individual e comunitária são eixos de possibilidades com delimitações específicas, tendo um ponto de partida e um incerto ponto de chegada, a mensuração do intervalo entre esses dois momentos emerge como preocupação constante para a espécie humana. Com isso, campos discursivos que, aparentemente, voltam-se para objetos de pesquisa díspares convergem para a

exploração e a reflexão acerca das questões cronológicas, como é o caso da Física, da Biologia, da Filosofia, da Religião e, sendo recorte deste estudo, da Poética.

No âmbito dos estudos literários, o tempo é um elemento condicional dentro das narrativas, sendo amplamente discutido e sistematizado. Por sua vez, em poemas, as investidas de Cronos não se restringem ao conteúdo temático dos textos, sendo elemento constitutivo da arquitetura poética. Em seu livro *O ser e o tempo da poesia* (1977), o crítico literário e professor Alfredo Bosi inicia seu estudo sobre as reentrâncias da rede armada entre tempo e texto poético definindo o que distingue a imagem e o discurso:

A palavra criativa busca, de fato, alcançar o coração da figura no relâmpago do instante. Mas, como só o faz mediante o *trabalho* sobre o fluxo da língua, que é som-e-pensamento, acaba superando as formas da matéria imaginária. O poema — *cosa mentale leonardesca* — transforma em duração o que se dava a princípio como um átimo (BOSI, 1977, p. 36, grifos do autor).

Para o professor, a imagem possui algo de imediato, caminhando para o limite do instante; enquanto isso, a própria natureza do signo linguístico define para este a indissociabilidade com relação ao tempo. Desse modo, compreendemos a dimensão imagética da poesia como a busca pelo momento empreendida dentro do texto literário.

A poética de João Cabral foi cristalizada pela crítica como vinculada aos adjetivos “racional”, “cerebral” e “exato”, ao ponto de receber o epíteto de poeta-engenheiro, em virtude da preocupação formal depurada por ele em seu percurso de escrita. No tocante à temática do tempo, dialogamos com a leitura de Araújo (2016), que defende a primazia da imagem em Cabral:

Por intermédio da imagem, João Cabral consegue descrever o tempo de diferentes formas: o *tempo-bicho*, o *tempo-chiclets*, o *tempo-rio*, o *tempo-museu* e assim por diante. A imagem, processo criativo do poeta, parece ser o começo de tudo – a base de construção da poesia (ARAÚJO, 2021, p. 34).

Neste trabalho, tencionamos analisar os contornos imagéticos do tempo na poesia do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920 - 1999) — autor que recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela UFRN (1982) e cujo centenário foi celebrado no ano de 2020. Desse pavilhão de formas concretas, destacamos o rio e o trem, elementos que retomam a ideia de tempo linear em sua geometria.

Interessa-nos investigar, especificamente, essas imagens, pois, embora apresentem alguns traços formais semelhantes, sob a perspectiva da temática do tempo, delimitamos a hipótese de que é possível identificar diferenças entre os valores vinculados a cada uma delas. Para efetivar esta investigação, constituímos um *corpus* com textos publicados em diferentes períodos da produção de Cabral, buscando, assim, “dar a ver” alguns trechos da tapeçaria temporal do autor.

2 Novelo de tempos

A obra de João Cabral de Melo Neto, tanto na produção poética, quanto na reflexão ensaística, é percolada por uma preocupação constante vinculada ao controle discursivo, maravilhosamente figurativizada em “A fábula de Anfion” (1947). Nesse sentido, tornam-se recorrentes temas e questões que circundam o confronto com o imponderável, materializado, por sua vez, no lirismo confessional, na morte e no próprio tempo.

Com o lançamento do primeiro livro do poeta, *Pedra do sono* (1942), o crítico e professor Antonio Candido (2002) identificou contornos construtivistas na produção do autor devido à presença material e concreta no arcabouço linguístico de seus textos. Em livros posteriores, essa perspectiva viria a ser exercitada com afinco, como se o poeta seguisse a cartilha aprendida com o “Catecismo de Berceo”:

1.
Fazer com que a palavra leve
pese como a coisa que diga,
para o quê isolá-la de entre
o folhudo em que se perdia.

2.
Fazer com que a palavra frouxa
ao corpo de sua coisa adira:
fundi-la em coisa, espessa, sólida,
capaz de chocar com a contígua.
[...]
(MELO NETO, 2020, p. 465)

Na esteira dos ensinamentos atribuídos ao poeta castelhano, identificamos a avidez pela palavra concreta nos versos do autor. Ao invés de render-se aos termos abstratos, Cabral forja seus textos

mediante o trabalho incansável dos insumos linguísticos, assim como “O ferrageiro de Carmona” (MELO NETO, 2020, p. 677). Sobre esse aspecto, o próprio poeta expressou suas preferências lexicais, preterindo a palavra “tristeza” a favor de “maçã” (MELO NETO, 2020), ou ainda, a imagem da faca desprovida de cabo ao invés do vácuo da Ausência. Como pensar, então, a presença de uma dimensão abstrata como o tempo na galeria material de Cabral?

Reconhecemos que um dos encaminhamentos traçados por esse artífice da palavra foi a construção de imagens capazes de emoldurar o tic-tac do relógio. Se “Não há guarda-chuva / contra o tempo, / rio fluindo sob a casa [...]” (MELO NETO, 2020, p. 74), o poeta elabora figurações que nos permitem apreender, por diferentes canais sensoriais, os fragmentos cronológicos. Assim, nos textos de Cabral, essa dimensão condensa-se em figuras, dando densidade não só à matéria linguística, mas à matéria temporal.

Na história da cronometria, isto é, no desenvolvimento dos mecanismos para medição do tempo, observamos, a princípio, a utilização de elementos da natureza como parâmetro para mensuração. Isso deveu-se à necessidade de comprovação empírica para atestar a passagem temporal, como explica Elias (1998, p. 74). A Lua, o Sol, as cheias e as secas dos rios eram indícios a partir dos quais especulava-se essa mudança. Para o sociólogo, as modificações sociais requereram um grau maior de independência no estabelecimento de marcadores temporais. Logo, ao invés do fenômeno eventual, passível de variações, passou-se a considerar intervalos regulares como ferramentas de aferição, tais como as unidades hora, dia, mês e ano.

Sublinhamos que o tempo não é um elemento tangente e esporádico na obra cabralina, constituindo preocupações formal e temática recorrentes em sua produção. Sendo possível traçar um paralelo entre os meios que a humanidade manipulou na estipulação do tempo e a produção do autor, verificamos uma coincidência. Se os primeiros agrupamentos humanos miraram a Lua, tomando-a como referência para suas aspirações e projetos de ação; em períodos posteriores, o Sol é imbuído de importância cronológica. Já na poesia do pernambucano, também enxergamos a passagem do lunar para o solar, que marcará seu procedimento de composição.

Ainda em *Os três mal-amados* (1943), prosa-poética inspirada nos versos de “Quadrilha”, do então amigo e mestre Drummond, João Cabral criou o discurso de três sujeitos poéticos (João, Raimundo e Joaquim) frente aos respectivos objetos de desejo, sendo um deles o próprio amor, em sua

manifestação antropófaga. Ao ler esse texto, Secchin (2020) identificou esses objetos como certas concepções de poesia e, conseqüentemente, determinadas posturas de artistas em face do processo criativo. Nesse sentido, a voz construtivista de Raimundo seria aquela que produziria ressonância mais intensa em Cabral, sendo, com o passar dos anos e das obras, refinada pelo poeta. Semelhante a uma salina, que permite a entrada da água do mar (do sonho, da experiência, da memória) para, em seguida, gerar o sal, o poeta pernambucano permitiu a incidência dos raios solares sobre seu trabalho, possibilitando a formação do cristal-poético.

2.1 Tempo-trem

Neste estudo, torna-se relevante retomar a transição do sono para a vigília na obra do autor, visto que uma das imagens analisadas, o tempo-trem, faz-se presente nesses dois momentos. Referimo-nos, especificamente, aos textos “Infância”, “A moça e o trem” e “O alpendre no canavial”, presentes, nesta ordem, nos livros *Pedra do sono* (1942), *O engenheiro* (1945) e *Quaderna* (1960).

Com relação ao primeiro, identificamos a memória como recurso para construção do texto. Ao invés de focalizar um aspecto específico e singular do passado, o sujeito poético em via de anular-se desalinha o mecanismo mnemônico:

Infância

Sobre o lado ímpar da memória
o anjo da guarda esqueceu
perguntas que não se respondem.

Seriam hélices
aviões locomotivas
timidamente precocidade
balões-cativos si-bemol?

Mas meus dez anos indiferentes
rodaram mais uma vez
nos mesmos intermináveis carrosséis.
(MELO NETO, 2020, p. 38)

A circularidade atribuída à memória nesse texto ganha forma a partir de uma série de objetos que, embora dinâmicos e capazes de movimento, encontram-se condicionados por barreiras — as hélices e o eixo, os aviões e as rotas, os trens e as ferrovias, os carrosséis e a estrutura de rotação. Um desses objetos é justamente a locomotiva, força motriz do tráfego ferroviário, que tem sua mobilidade condicionada pelo destino traçado nos trilhos. Em contrapartida, nos dois outros poemas citados, reconhecemos a relevância da experiência na captação da dimensão cronológica.

O segundo texto em destaque enquadra-se em um momento da produção do escritor sobre o qual já incide a luz dos três sóis d’*O engenheiro*. Afinal, “[...] o engenheiro pensa o mundo justo, / mundo que nenhum véu encobre.” (MELO NETO, 2020, p. 64). Desvelados, o trem e o tempo são apresentados no texto como objetos possíveis de apreensão por diferentes órgãos dos sentidos:

A moça e o trem

O trem de ferro
passa no campo
entre telégrafos.
*Sem poder fugir
sem poder voar
sem poder sonhar
sem poder ser telégrafo.*

A moça na janela
vê o trem correr
ouve o tempo passar.
O tempo é tanto
que se pode ouvir
e ela o escuta passar
como se outro trem.

Cresce o oculto
elástico dos gestos:
a moça na janela
vê a planta crescer
sente a terra rodar:
que o tempo é tanto
que se deixa ver.
(MELO NETO, 2020, p. 65 - 66, grifos nossos)

Nos versos curtos que constituem o poema, variando entre quatro e sete sílabas poéticas, é descrita a percepção do tempo por parte de uma moça após a passagem do trem. No texto, o próprio tempo passa a ser considerado um segundo trem, pois, semelhante ao corpo de vagões, desperta os sentidos do sujeito do enunciado. A dimensão temporal, antes invisível e inaudível, torna-se capaz de ser percebida, afastando-se de uma caracterização abstrata e configurando-se como dimensão concreta. Se a presença do trem desfamiliariza a paisagem por ele cortada, para utilizarmos o termo caro a Chklovski (1976), a ruptura na métrica do texto reflete a modificação na percepção do tempo, realçando as ideias de movimento, agilidade e mobilidade com as quais o trem coloca-se na paisagem a partir das sucessivas reiteraões sintagmáticas (versos destacados por nós).

Enquanto o texto de 1945 recorta apenas alguns caminhos sensoriais, em texto posterior, publicado em *Serial* (1961), o eu lírico empreende um itinerário pelos cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato. Como reminiscência de um *locus amoenus*, o alpendre, área comum às casas interioranas, em frente à paisagem tomada pela plantação de cana, configura-se como espaço aprazível para contemplar o tempo. No percurso sinestésico que compõe as quatro seções do poema, o tempo passa a ser entendido como dimensão possuidora de: i) sabor e cheiro; ii) som; iii) textura; e iv) imagem.

Para o sujeito poético, duas são as possibilidades de resposta para o comportamento atípico do tempo. A primeira perscruta a paisagem como justificativa, visto que as características espaciais permitem que os dispositivos de percepção tornem-se mais aguçados, captando elementos que, anteriormente, seriam insípidos. Já a segunda possibilidade encara a razão na própria natureza do tempo, que se adensa ao passar pela região. Respectivamente, identificamos uma postura subjetiva e outra objetiva com relação à essa dimensão.

Esses casos apresentados ressoam duas posições teóricas que, historicamente, envolvem as questões do tempo (ELIAS, 1998). Uma enxerga esse aspecto como um dado da natureza que, assim como outros elementos, encontra-se dissociada da experiência de um sujeito. Por sua vez, a segunda perspectiva concebe o tempo como “[...] uma maneira de captar em conjunto os acontecimentos que se assentam numa particularidade da consciência humana” (ELIAS, 1998, p. 9).

Assim como a visão da moça à janela, o ritmo do tempo no alpendre é descontinuado pela aparição do trem na terceira parte do poema. Como característico na poesia cabralina, as considerações tipográficas são um elemento de destaque. Em decorrência disso, analisamos a seção em dois

momentos: o primeiro dedicado à parte sem parênteses, o segundo à parte parentética. De início, a locomotiva faz com que o fluir cronológico perca sua continuidade:

O alpendre no canavial

3

Se no alpendre é a hora do trem
que vai à estação do lugar,
o tempo para de correr:
começa a se depositar.

Então, dir-se-ia que o tempo
interrompe toda carreira,
entorpecido pela tensão
do mundo à esperta e à espreita.

Então, dir-se-ia que o tempo
tem cãibras, ou fica crispado,
impedido de fluir livre
entre esperas, bolsas de vácuo.

Então, ele faz tão espesso
que é *palpável* sua substância;
tão espessa que ao apalpá-la
se tomaria por membrana;

tão espessa que até parece
que já nunca mais se dissolve;
tão espessa como se a espera
não fosse de trem mas de morte.

[...]

(MELO NETO, 2020, p. 338 - 339)

No espaço diletante proporcionado pela paisagem do canavial, o trem desponta como elemento de ruptura. A dimensão cronológica no texto conjuga linearidade e fluidez como características que são interrompidas pela presença da máquina, memória de um outro ritmo alheio ao movimento da cana (ritmo de cidade, não de campo), formando, assim, um coágulo temporal. Se por um lado, o trem quebra as sintaxes com as quais o tempo apresentava-se ao canavial; por outro, a sua passagem é motivo da solidificação do tempo e, conseqüentemente, da possibilidade de moldá-lo. Nesse sentido, o trem é condição para a urdidura do tempo nos versos.

Em diálogo com a História, encontramos o trem como elemento propiciador de uma mudança de paradigma em nossa relação com o tempo. De acordo com Whitrow (1993), a invenção e o posterior espriamento da locomotiva a vapor revolucionou o trânsito de pessoas, mercadorias e informações. Uma das consequências da nova forma de percorrer territórios foi a padronização de horários, modificando a maneira como os seres humanos agiam frente aos afazeres cotidianos.

Como descrito anteriormente, as três estrofes finais da terceira seção do poema estão dispostas dentro de parênteses:

[...]
(Quando mais espessa, eis que o trem
com a explosão, a histeria,
bruta e de ferro, de cidade,
rompe a membrana distendida.

E só depois que ele reparte
com sua exaltação maníaca
é que os rotos fiapos duros
de tempo coalhado em bexiga

voltam a diluir-se no vazio
que vai diluindo, dia a dia,
ferros-velhos de uma paisagem
posta à margem, fora da via.)
(MELO NETO, 2020, p. 339)

No caso analisado, esses elementos delimitam uma mudança de momento, em contraponto ao que está posto fora do marcador tipográfico. Até então, o poema seguia a formação dos vacúolos de tempo, porém, a parte final aponta para a dissolução dessas estruturas, o que significa o retorno ao estado inicial da paisagem.

2.2 Tempo-rio

Antes de passarmos, de fato, à segunda imagem aqui analisada, o tempo-rio, enfatizamos que a ideia do tempo como fluido está presente em um dos textos centrais ao pensarmos essa questão na poética cabralina. Em “O relógio”, publicado também em *Serial*, o sujeito poético dá início a uma busca

pelo combustível que alimenta o motor da máquina-vida, “[...] (coração, noutra linguagem)” (MELO NETO, 2020, p. 336). Uma das perguntas que transpassa o texto é a natureza desse material:

[...]
que fluido é ninguém vê:
da água não mostra os senões:
além de igual, é contínuo,
sem marés, sem estações.

E porque tampouco cabe
por isso, pensar que é o vento,
há de ser um outro fluido
que a move: quem sabe, o tempo.
(MELO NETO, 2020, p. 335).

Percebemos que o poema coloca a água como elemento eminentemente volátil e, por isso, passível de flutuações e nuances. Ainda que outro fluido alimente as engrenagens do relógio, é para a imagem fluvial que convergem os afluentes do tempo na escritura cabralina. Desse modo, Cabral permitiu que o escoadouro do Capibaribe, o rio de sua infância, vazasse para os textos, carreando elementos de uma imagética do tempo.

Em suas *Confissões*, Agostinho de Hipona traçou uma relação entre tempo e mudança. Diferente da divindade, que habita o eterno, os seres humanos são criaturas temporais, ou seja, estão imersos em uma dimensão transitória. Para o filósofo, o tempo é visto, então, como constituído por três aspectos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. Nesta ordem, segundo o pensador, “O presente do passado é a memória; o presente do presente é a visão; o presente do futuro é a expectativa.” (AGOSTINHO, 2019, p. 227).

Estado e mudança são aspectos discutidos desde a Antiguidade Clássica, como no pensamento de Heráclito de Abdera, para quem o fluxo é o cerne da realidade. Buscando dar forma à sua reflexão, o filósofo grego utilizou a célebre imagem fluvial. Em retomada a esse pensamento, o escritor argentino Jorge Luís Borges concebeu o rio como metáfora, por excelência, do tempo:

A mera conjunção das duas palavras sugere a metáfora: tempo e o rio, os dois seguem fluindo. E há ainda a famosa sentença do filósofo grego: “Nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio”. Temos aqui o início do terror, porque a princípio pensamos no rio como algo que flui, nas gotas de água sendo diversas. E então

somos levados a sentir que *nós* somos o rio, que somos fugidios como o rio. (BORGES, 2000, p. 34, grifos do autor).

Percebemos que o rio em Cabral possui nome e tem seu percurso, da montante à foz, descrito em versos. Ele é o Capibaribe e seus afluentes, cuja paisagem fluvial faz parte da memória do menino João, que aflora em direção ao primeiro plano de sua produção em *Escola das facas* (1980). De acordo com Secchin (2020), este livro configura um museu familiar, um “museu pernambucano”. Em um dos textos publicados no volume, as águas do rio são tratadas afetuosamente pelo “dialeto da família” como “a maré” (MELO NETO, 2020, p. 524), habitante da paisagem contemplada pelo eu lírico e que lhe ensinou lições de poética:

Prosas da maré na Jaqueira

6.
Maré do Capibaribe
entre a Jaqueira e Santana:
do cais, como tempo e espaço
vão de um a outro, se apanha.

O tempo se vai freando
(lago que a brisa arrepie)
o rolo de água maciça
que enche e esvazia o Recife,

até frear, todo espaço
(lago sem brisa no rosto),
frear de todo, água morta,
paralítica, de poço.
(MELO NETO, 2020, p. 526)

A prosa didática da maré fluvial representa a dialética entre espaço e tempo. Em João Cabral, percebemos que a distinção entre essas dimensões, embora encontrem-se conjugadas, é dada pela presença ou ausência do movimento. O adensamento das águas do Capibaribe em decorrência dos resíduos acumulados desde sua nascente e da presença das usinas de cana de açúcar, reduz, conseqüentemente, o andamento do caminhar do rio. Podemos pensar, então, a ideia da água como solvente universal, devido à capacidade de dissolver os elementos em seu meio.

Acatamos, desse modo, a perspectiva da “imaginação da matéria” de Gaston Bachelard (2018), cujos escritos dedicados à água não se furtam ao aspecto moroso e denso dessa substância: “[...] tudo o que, na natureza, corre pesadamente, dolorosamente, misteriosamente, seja como um sangue maldito, como um sangue que transporta a morte. Quando um líquido se valoriza, aparenta-se a um líquido orgânico” (BACHELARD, 2018, p. 63). A entrada nos manguezais alagados de Recife atribui organicidade ao rio, fruta madura que continua “[...] — trabalhando ainda seu açúcar / depois de cortada — [...]” (MELO NETO, 2020, p. 110).

No poema do volume de 1980, reconhecemos o procedimento já identificado em outros poemas de colocar elementos entre parênteses. Os versos parentéticos contêm comentários quanto à aparência das águas e às modificações que ela sofre no decorrer do percurso. À correnteza compassada do Capibaribe, é atribuída a responsabilidade pelo prazer de observar o tempo:

[...]
dos quandos no cais em ruína
seguia teu passar denso,
veio-me o vício de ouvir
e sentir passar-me o tempo.
(MELO NETO, 2020, p. 527)

Como vimos no poema anterior, espaço e tempo são tratados poeticamente como duas faces de uma mesma moeda, dois lados de uma dicotomia inseparável. A distinção entre eles, nesse sentido, dá-se mediante a verificação do movimento aparente. Essa mesma perspectiva é encontrada na figuração das águas em outros textos, como este do livro *A educação pela pedra* (1966):

Uma mulher e o Beberibe

Ela se imove com o andamento da água
(indecisa entre ser tempo ou espaço)
daqueles rios do litoral do Nordeste
que os geógrafos chamam “rios fracos”.
Lânguidos; que se deixam pelo mangue
a um banco de areia do mar de chegada;
vegetais; de água espaço e sem tempo
(sem o cabo por que o tempo a arrasta).
*

Ao rio Beberibe, quando rio adolescente

(precipitadamente tempo, não espaço),
nada lhe para os pés; se rio maduro,
ele assume um andamento mais andado.
Adulto no mangue, imita o imovimento
que há pouco imitara dele uma mulher:
indolente, de água espaço e sem tempo
(fora o do cio e da prenhez da maré).
(MELO NETO, 2020, p. 368-369)

Dentro do projeto editorial e estético do livro de poemas, “Uma mulher e o Beberibe” encontra-se localizado na seção *Nordeste (a)*. Como bem observa Secchin (2020), a menção à região geográfica brasileira recorta a paisagem da qual emergem os temas trabalhados e a letra minúscula entre parênteses delimita, quantitativamente, os 16 versos com algo em torno de dez sílabas poéticas. A estrutura em blocos que caracteriza os ensinamentos rochosos produzidos por Cabral, no poema em discussão, reflete o procedimento comparativo entre essas duas personagens, a mulher e o rio.

Se na primeira estrofe busca-se traduzir o caminhar da mulher em termos fluviais, na segunda estrofe, por sua vez, inverte-se a relação, e o rio é humanizado por uma descrição típica da vida humana — novamente, a poesia retoma o fragmento de Heráclito. Em sua juventude, o rio Beberibe, confluente do rio Capibaribe, avança ruidoso, porém, ao aportar no escoadouro litorâneo, reduz seu andamento, semelhante à figura feminina que se permite contemplar a paisagem. O aspecto contemplativo do espaço vai, gradualmente, adquirindo matizes mais intensos do que a avidez cronológica.

De imediato, no título do poema, identificamos que a símile entre os elementos comparados no texto não segue um paralelismo pleno, pois, enquanto a personagem humana refere-se a uma categoria, “mulher”, precedida por um artigo indefinido, “uma”; a personagem não humana, o rio Beberibe, adquire identidade e unicidade. Esse aspecto é índice da postura cabralina frente ao que é fugidio aos moldes de humanidade, perspectiva reconhecível em outros textos. Nesse sentido, em poemas do autor, a pedra, o mar, o rio, a cabra e o urubu são alguns desses seres aos quais, sencientes ou não, é permitido habitar os versos do pernambucano.

Considerações finais

O longo subtítulo do poema *O rio*, de 1953, indica o roteiro efetuado pelo corpo d'água pernambucano: *ou a relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*. Nos termos de Secchin (2020), este poema manifesta a preocupação cabralina com a comunicabilidade do poema, porém, “[...] o discurso mais fluente que embasa a vontade de ‘comunicar’ não significa a negligência do ‘fazer’” (p. 117).

No trajeto textual empreendido, somos apresentados a vários pontos de passagem. Em certo momento do percurso, o Capibaribe é interpelado pela figura do trem de ferro, índice de uma modernidade alheia a seu rumorejar. Após agregar à corrente outros rios encontrados em caminhos de águas e de retirantes, o eu lírico aquoso nos narra a interseção com os trilhos, em uma seção cuja rubrica é “*O trem de ferro*”:

Agora vou deixando
o município de Limoeiro.
Lá dentro da cidade
havia encontrado o trem de ferro.
Faz a viagem do mar,
mas não será meu companheiro,
apesar dos caminhos
que quase sempre são paralelos.
Sobre seu leito liso,
com seu fôlego de ferro,
lá no mar do Arrecife
ele chegará muito primeiro.
Sou um rio de várzea,
não posso ir tão ligeiro.
Mesmo que o mar os chame,
os rios, como os bois, são ronceiros.
(MELO NETO, 2020, p. 124)

Embora os caminhos das duas imagens analisadas, tanto a natural, quanto a máquina de ferro, convirjam em determinado ponto do percurso do eu lírico/narrador, as linhas não se tocam por muito tempo. Isso deve-se à divergência entre os ritmos do caminhar de cada um.

[...]
Diversa das dos trens
é a viagem que fazem os rios:
convivem com as coisas

entre as quais vão fluindo;
demoram nos remansos
para descansar e dormir;
convivem com a gente
sem se apressar em fugir.
(MELO NETO, 2020, p. 125)

Enquanto o trem corta a terra pernambucana de maneira apressada, com o intuito de, o mais rápido possível, efetuar a travessia, o Capibaribe permite-se fruir o mapa por ele percorrido, possibilitando que seu corpo seja plasmado ao espaço, constituindo-o. Desse modo, identificamos a ênfase na diferença de velocidade entre as figuras dos dois elementos analisados. Uma vez que essa grandeza é resultante da relação entre espaço e tempo, podemos reconhecer a modalização da dimensão cronológica mediante as distintas formas como o trem e o rio são postos em movimento.

Anteriormente, as duas imagens em análise neste estudo são trabalhadas de forma isolada. Entretanto, o rio e o trem são colocados lado a lado em *O rio*, gerando a possibilidade de compararmos essas construções da fanopeia que, anteriormente, só apareceram em textos distintos. Se é certo que a forma os aproxima, também reconhecemos divergências entre os vagões e os meandros. Enquanto o trem recobre-se de valores metonímicos da modernidade, como rapidez e desenvolvimento, o Capibaribe segue seu percurso em ritmo próprio, ao lado de homens retirantes, bichos e outros rios.

Desse modo, a dupla de imagens formam uma espécie de dístico em tensão, no qual as duas linhas representadas pelos trilhos e pelo curso do rio, assim como um par de versos, relacionam-se tanto por semelhanças (forma) quanto por dissonâncias (conteúdo). Ainda destacamos que, dentro da produção poética de João Cabral, o tempo não é uma questão à parte e possui relevância temática e estética no percurso composicional do autor. Ao escolhermos o trem e o rio como objetos a serem analisados, não inviabilizamos, portanto, a investigação acerca de outras imagens cronológicas na poesia de Cabral.

Figura recorrente na poética e na crítica cabralinas, a palavra rocha, na língua espanhola, é *roca*. Retirando o itálico do termo, teríamos grafado a palavra “roca”, ferramenta utilizada no ofício de fiar. Em nossa leitura, consideramos que, ao arquitetar o encontro entre o trem e o rio nos versos do poema longo, o poeta assume a máscara de um fiandeiro que, linguisticamente, entrança linhas imagéticas, possibilitando o exercício do poema como convergência de tempos.

CRediT

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Contribuições dos autores:

CADÓ, Júlio César de Araújo.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

ARAÚJO, Rosanne Bezerra de.

Conceitualização, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Escrita - revisão e edição.

Referências

- AGOSTINHO. Livro XI. In: AGOSTINHO. *Confissões*. Jandira: Principis, 2019. p. 214-235.
- ARAÚJO, Rosanne Bezerra de. *Travessia poética: temáticas do tempo na poesia de João Cabral*. Natal: EDUFRN, 2021.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- BORGES, Jorge Luís. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- CANDIDO, Antonio. Notas de Crítica Literária – Poesia ao Norte. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 135-142.
- CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- CHKLOVSKI, Viktor. A arte como procedimento. In: EIKHENBAUM, Boris et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976. p. 39-56.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- MELO NETO, João Cabral de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral de ponta a ponta*. Recife: Cepe, 2020.
- WHITROW, Gerald James. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.